

A IMPORTÂNCIA DA COOPERATIVA DE RECICLAGEM DE LIXO NO PROCESSO DE INCLUSÃO SOCIAL DOS CATADORES DE LIXO EM UBERLÂNDIA –MG: UM ESTUDO DE CASO.

Anaísa Moreira FIRMINO ¹
Boris Mark Tomelic RIVERO ²

A RELAÇÃO ENTRE PRODUÇÃO DE LIXO E SOCIEDADE DE CONSUMO

“Talvez não seja exagerado afirmar que o cidadão é hoje, antes de tudo, um consumidor (...). E quanto maior a renda, mais consumidor será o cidadão – e mais lixo vai gerar”³ Esta frase da revista Ecologia e Desenvolvimento revela uma realidade preocupante no que tange o desenvolvimento sustentável : somos educados e estimulados tanto a consumir que nos tornamos para os outros o espelho daquilo que consumimos. A marca e o modelo do carro que andamos, das roupas que vestimos, o lugar que residimos e freqüentamos, as pessoas que relacionamos, as tecnologias que desfrutamos são alguns exemplos de que vinculamos a imagem de uma pessoa aos bens que ela possui . É a sociedade de consumo, que impõem a nós padrões de vida associado ao poder de compra. Esta cultura, voltada para o consumo nos diz que, quanto maior for à posse de bens de um indivíduo, maior será o seu prestígio social .

Assim, neste contexto, o de estímulo exacerbado ao consumo, imposto tanto pelos padrões da sociedade de consumo como pela mídia através da propaganda esta sociedade gera, em altos níveis, um dos maiores problemas da modernidade: um lixo que não é reaproveitado, reutilizado e nem reduzido, tornando-se assim, uma preocupação para a sociedade, administradores públicos e, principalmente, para a sustentabilidade das gerações futuras.

Descartamos tudo aquilo que não está mais na moda, aquilo que está obsoleto perante as novas tecnologias, em fim, aquilo que acreditamos não servir mais. Uma inutilidade. Sem nos preocuparmos e nem importarmos com o destino final desse produto, consumimos a nosso bel prazer novas tecnologias, roupas, lugares, bebidas, etc influenciados por uma mídia “hipnotizadora” que dita qual é a hora de aposentarmos essas coisas e consumirmos novos produtos.

Segundo NOVAES (2002), no nível atual de consumo no mundo, já ultrapassamos ou excedemos em 40% a capacidade de restauração da biosfera e, se o mundo consumisse

¹ Universidade Federal de Uberlândia anaísa_moreira@yahoo.com.br

² Universidade Federal de Uberlândia boris_rivero@nacionalnet.com.br

³ Ecologia e Desenvolvimento, ano 11; nº 98, setembro de 2001

na mesma proporção dos norte-americanos, alemães e franceses, o homem precisaria de três planetas e não um, para sobreviver

Assim, segundo MAGERA (2003), dentre os vários fatores responsáveis pelo agravamento desta questão - do lixo -, podemos destacar dois de maior relevância: o aumento do consumo e a produção de materiais descartáveis. A primeira está diretamente relacionada ao crescimento populacional – estima-se que a urbanização levou cerca de 85% dos brasileiros para as cidades - e o conseqüente aumento na geração per capita de resíduos, agrava pelos padrões impostos pela sociedade de consumo.

Com relação ao segundo fator: os produtos artificiais ou descartáveis, estes, nos aparecem como sendo o grande “vilão” do aumento sistemático do lixo pois, além de exigirem um numero muito grande de matérias primas para sua fabricação o tempo de utilidade desse produtos é quase zero e o tempo de decomposição, dependendo do produto, varia de 200 anos a 1 milhão de anos . Isto implica dizer que, um grande número desses produtos é jogados fora todos os dias e a natureza, por esta não ser capaz de os decompor, estes produtos vão se acumulando na natureza.

“Do outro lado, estão os restos, os refúgios, a sucata que já não serve ou saiu de moda, os resíduos, os efluentes, a poeira e os gases que saem das chaminés, das minas, das fazendas; estão os cavacos, as embalagens e os papéis usados, o entulho das obras, das demolições, os vasilhames, os recipientes, as cascas, fibras e ramos dos vegetais (...) tudo aquilo que, por comodidade, chamamos de lixo.” (Figueiredo, 1995, p.15).

Assim, nesse contexto – o da sociedade de consumo -, encontramos um “paradoxo da modernidade”. Se de um lado temos pessoas que conseguem desfrutar de todos recursos disponíveis na sociedade de consumo encontramos, de outro, pessoas que estão a margem da pobreza absoluta; estes não conseguem consumir o mínimo necessário para sua sobrevivência. Segundo a revista Carta Capital (2004), 84% da população, ou quatro entre 5 pessoas, vivem na berlinda do que se produz e se consome, de cada cinco brasileiros, dois só ganham o suficiente para comprar o básico. Outros dois, nem para isso. São 23 milhões de brasileiros vivendo na pobreza absoluta. Segundo MAGERA (2003), hoje, há mais de um bilhão de pessoas subnutridas, ou seja, 20% da população mundial e, para piorar a situação, dois terços delas fora do mercado formal de trabalho.

No Brasil, a sociedade de consumo se estrutura através de bolsões de consumo que se localizam nas regiões mais desenvolvidas do país. Assim, existe uma parcela, mínima,

da população que consomem mais do que o necessário e desfruta dos “privilégios” impostos por esta sociedade porém, existe outra parcela que não consegue o mínimo necessário para sua sobrevivência. Assim, neste quadro de extrema desigualdade social encontramos os catadores de lixo, estes trabalhadores, que crescem consideravelmente por todo o país, sobrevivem da catação do lixo estando sempre a margem da sociedade.

A vida no lixo

“Completamente excluídos dos das engrenagens de desenvolvimento da sociedade, os miseráveis são reduzidos a uma condição subumana. Seu único horizonte passa a ser a luta feroz pela sobrevivência ...”(Veja, 23/01/2002).

Nos grandes centros urbanos, milhares de pessoas, direta ou indiretamente, tiram seu sustento do lixo urbano. Entre esses indivíduos encontram-se os catadores de lixo, catadores de papel e papelão, catadores de vidro, pessoas envolvidas na operação de ferro-velho, garis, lixeiros e muito outros.

Tanto nesses municípios como nos demais, um trabalho de catação e separação do lixo urbano é feita por catadores - segundo uma pesquisa da água e vida (2003) 67% dos capitais no Brasil têm catadores catando nas ruas - , um exército de aproximadamente 300 mil pessoas - incluindo crianças e adolescentes - , em geral os mais afetados pela exclusão. São mais de 45 mil crianças (UNICEF, 2001) e existem pelo menos 24.340 catadores de lixo morando em lixões, sendo que 22% têm menos de 14 anos. Algumas estimativas projetam que o número de trabalhadores nesse segmento chegue perto de um milhão (Magera, 2003). Equivalente a 10,4% da população ocupada nas regiões metropolitanas (Dieese).



FOTO 1: O carrinho do catador disputando as ruas da cidade de São Paulo.

FONTE: Instituto Ambiental Vidágua.

Estes catadores apenas lutam por sua própria sobrevivência nessa “floresta urbana”, onde sua matéria- prima é abundante e gratuita e muitas pessoas pagam para se livrar do lixo. Estes agentes ecológicos estão presentes em mais de 37% das capitais brasileiras e em 68% das cidades com mais de 50 mil habitantes. Estas pessoas reciclam o lixo que eles não geraram, porque não têm condições econômicas de consumir.

Em muitos municípios, os lixões, ou seja, depósitos de lixo a céu aberto e sem controle ambiental adequado, são fonte de renda e meio de sobrevivência para milhares de pessoas que, tiram daí seu único meio de subsistência. Estas pessoas vivem em condições subumanas de extrema pobreza e degradação humana.

“Para os pobres, o lixo.

Mal chegam os caminhões de descarga, as famílias se atiram sobre o monturo, armadas de foice, vassouras e pás. Embora grávida de cinco meses de seu segundo filho. Jane da Conceição Leite, 17 anos, avança para o lixo com uma desenvoltura de um moleque. Na quarta-feira passada, seu arrojo a contemplou com um resto de “quentinha”, despojada de um caminhão das Lojas Sendas, e algumas laranjas estragadas, para consumo imediato. Para casa ela conseguiu levar pão sujo e

amassado, batata-doce podre, outras laranjas esborrachadas, batatas-inglesas em decomposição, casca de verdura e uma couve-flor queimada” (Figueiredo, 1995, p.127).

Por trabalharem com e no lixo estes catadores, além de sofrerem com as condições precárias de sobrevivência e de trabalho, sofrem também com o preconceito da sociedade.

Uma das alternativas apresentadas para fortalecer os catadores e deixá-los mais independentes é a formação das Cooperativas de Reciclagem de lixo.

São os próprios catadores de lixo de rua que acabam sentindo a necessidade de se organizar para obter mais força ou poder de barganha para negociar seu produtos com sucateiros e indústrias do segmento de reciclagem do lixo (Magera, 2004, p.39)

“A exclusão social em que se encontram bilhões de seres humanos, provocada pelo próprio sistema capitalista, concentrador e criador de uma reserva de mão-de-obra com o objetivo de controlar salários, tem levado a formação de um exército de pessoas que trabalham e vivem do lixo urbano no mundo todo. Estas pessoas por sua vez, têm formado cooperativas para melhor serem aceitas na cadeia produtiva de reciclagem do lixo...” (Magera, 2003, p..

O lixo no Brasil

Segundo o IBGE e o PNSB (2002), cada brasileiro produz, por dia, de meio a um kilo de lixo gerando, uma média de 125.281 toneladas. Desse lixo, 15% vão para aterros sanitários; 13% para aterros controlados, 67% para lixões a céu aberto e 5% é reciclado. Dos 5500 municípios somente 8% tem coleta seletiva e em cerca de 596 operam usinas de compostagem, reciclagem ou incineração.

A disposição final sem nenhum tipo de tratamento - os lixões, é um grande problema tanto ambiental como social para as cidades e seus administradores. Isto porque, são nos lixões que, encontramos um grande número de pessoas que, vivendo na linha da pobreza sobrevivem de restos de alimentos e dos materiais ali encontrados. Assim, estes lixões se tornam uma ameaça a saúde pública porque permitem a proliferação de vetores de doenças. Além disso, a decomposição do lixo nesses locais não só gera o metano que polui

o ar como também o chorume, um líquido preto e fedido que envenena as águas superficiais e subterrâneas (lençol freático).

Assim, uma solução importante, para acabar com os lixões, é incentivar a reciclagem do lixo nos municípios, aliado a programas de coleta seletiva e implantação de cooperativas de reciclagem. As vantagens proporcionadas pelos programas de coleta seletiva no que tange aos benefícios ambientais são inúmeros, destacando, a retirada de toneladas de lixo dos aterros; aumentando assim, a vida útil do mesmo.⁴

“A reciclagem vem se apresentando como uma alternativa social e econômica à gerações e concentração de milhões de toneladas de lixo produzido diariamente pelos grandes centros urbanos espalhados pelo mundo...” (Magera, 2003, p.102).

Em relação aos benefícios sociais o mais importante a ser destacado, é que, com a implantação da coleta seletiva, a geração de empregos aumenta; devido a instalação de novas indústrias recicladoras na região e ampliação das atividades de indústria já estabelecidas. Outro fator de relevância social é que, quando esses trabalhadores se organizam em cooperativas há um resgate social. Isto porque, muitos indivíduos que estavam a margem da sociedade por diversos motivos, ao ingressarem no trabalho de catação passam por um processo de “resgate de cidadania”, tendo novamente um papel definido e importante na sociedade, bem como uma fonte regular de renda. Uma quantidade maior de pessoas trabalhando com um mesmo objetivo, sob as leis e os direitos de um estatuto por eles organizados, possa assim conseguir de uma maneira organizada planejada e ampliar a quantidade de fardos armazenados, vender o material diretamente às indústrias de reciclagem, aumentando o valor agregado para os cooperados, eliminando de vez a função do atravessador.

Segundo MELAZO e CASTRO (2004), a presença do atravessador ou intermediário nesse processo é muito comum. Este compra o material de vários catadores, revendendo posteriormente em fardos mais volumosos (geralmente acima de 1 tonelada) para indústrias ou empresas especializadas. Uma outra ação comum do atravessador é fornecer para catadores instrumentos necessários para a prática da coleta seletiva, como por exemplo, “carrinhos” e “carroças” utilizados para armazenar o material. Em troca, o catador recebe uma pequena porcentagem do material recolhido. O que determina essa relação catador/atravessador é em muitos casos, a própria condição de vida do catador, é obrigado a submeter-se às condições impostas por este comprador como uma maneira de sobreviver financeiramente.

⁴ Está cada vez mais difícil dispor de áreas para implantação de aterros sanitários. A disposição do lixo a grandes distâncias encarece demasiadamente os gastos com limpeza urbana.

No total, o mercado de reciclagem movimentou em 2002 cerca de R\$ 3 bilhões, de acordo com o Compromisso Empresarial pela Reciclagem (Cempre). Entretanto, de acordo com especialistas na área de reciclagem, estima-se que o país perca de 4 a 5 bilhões, ao não reaproveitar o lixo que produz. O país lucraria também ao poupar dinheiro que é gasto para dar fim ao lixo. Paga-se para livrar-se dele. E paga-se muito. As prefeituras costumam gastar entre 5% a 12% de seus orçamentos com lixo.

Assim, a reciclagem de vidros, plástico e metais é perfeitamente viável em termos econômicos.

O lixo em Uberlândia

Em Uberlândia, com uma população de aproximadamente 501.000 habitantes, sendo 98% desta residente na área urbana (Senso demográfico, 1996), a geração de lixo doméstico produzido por cada habitante é de 760 gramas por dia; um total de 360 toneladas. Por mês são mais de 10.000 toneladas. Em 1995, o município inaugurou um dos primeiros aterros sanitários do Estado de Minas Gerais. O projeto inicial defendia a tese de que o espaço seria suficiente para atender a demanda da cidade até 2015, mas a prefeitura teve de projetar novamente a área, em 2000, em função do esgotamento dessa capacidade. Ao longo dos últimos nove anos, a população de Uberlândia produziu 1,1 milhões de toneladas de lixo (Jornal Correio, 2004). A projeção é que este espaço seja suficiente para os próximos seis anos.



FIGURA 2: Disposição final do lixo – Vista do alto do aterro sanitário de Uberlândia.

AUTOR: FIRMINO, Anaisa Moreira; 2004

No início de 2004 implantou-se na cidade o programa de coleta seletiva batizada de “Coleta Solidária”. Esse programa se consolidou através de uma parceria entre a Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Serviços Urbanos - Prefeitura Municipal de Uberlândia e uma ONG denominada INDERC – Instituto de Desenvolvimento Regional do Cintap. Estas entidades disponibilizaram ao Sistema de Coleta Seletiva um galpão, localizado no Bairro Daniel Fonseca, com toda a infra-estrutura necessária para receber, separar, armazenar e expedir os materiais recicláveis coletados pelo sistema. Este local, é a sede da CORU. Os cooperados utilizam o espaço físico sem nenhuma despesa com água, energia, aluguel além de terem a sua disposição equipamentos fundamentais de trabalho (duas máquinas de prensar plásticos e papelão, uma máquina de prensar latas, um picotador de papel e duas balanças de precisão).

No espaço da cooperativa funciona ainda uma biblioteca comunitária com materiais encontrados no lixo, são mais de cem livros que servem de apoio as pessoas da comunidade e dos filhos dos próprios catadores.

No projeto inicial o espaço serviria também como um espaço para a promoção de atividades ligadas a Educação Ambiental onde, seriam promovidas oficinas de arte-educação e também um espaço para realização de festas e apresentações culturais (música, teatro, dança, etc.)

Segundo JESUS e RODRIGUES (2003) em uma matéria veiculada no Correio de Uberlândia em 12-10-2003, pag. B-2, um levantamento feito pela Secretaria Municipal de Serviços Urbanos e Meio Ambiente, onde, foi constatado que mais de duas mil pessoas em Uberlândia sobrevivem da coleta seletiva. Deste número, cerca de 1.200 são os chamados catadores, que percorrem as ruas da cidade revirando as latas de lixo ou apanhando no comércio e nos condomínios materiais recicláveis como latas de alumínio, garrafas pet e de vidro, plásticos e papelões para venderem. Assim, este trabalho ocorre de forma desarticulada, sem roteiros definidos, com pouca ou quase nenhuma integração entre os catadores, fica subordinado a um mercado comprador de materiais recicláveis que se beneficia desta desorganização.

Segundo a Cooperativa de Recicladores de Uberlândia (C.O.R.U) com a implantação do programa de coleta seletiva pela prefeitura – a “Coleta Solidária” – e da própria cooperativa, cerca de cinquenta famílias, aproximadamente, foram beneficiadas com o

programa. A renda mensal desses catadores chega a superar, dependendo do mês, quatrocentos reais. A cooperativa seleciona por mês de 6 a 8 mil toneladas de resíduos. A capacidade de processamento é de aproximadamente quatro toneladas por dia, pouco mais de 1%. O faturamento médio da cooperativa é de aproximadamente R\$ 8.000,000.

O perfil desses cooperados revela que, 60% deles trabalham de um a cinco anos nessa profissão; 28% de cinco a dez e 12% mais de dez, 31% são do sexo feminino; 69% do sexo masculino e 23% têm de vinte a trinta anos de idade; 19% de trinta a quarenta anos; 23% de quarenta a cinquenta anos e 35% mais de cinquenta anos, 80% deles são casados e possuem, a maioria, de três a quatro filhos cada um (CORU, 2004).

Em entrevista cedida ao Jornal Correio de Uberlândia em 12 de outubro de 2004, p. B3, o presidente da cooperativa, Francisco Alves Ferreira, declarou que houve uma melhora significativa para os catadores após a instalação da cooperativa na cidade. A negociação da venda do produto é feita diretamente com a empresa recicladora o que torna os lucros da cooperativa maior pois, não é necessário passar por atravessadores.



FIGURA 3: Fachada da sede da C.O.R.U.

AUTOR: FIRMINO, Anaisa Moreira; 2004.



FIGURA 4: Cooperativados pesando seu lixo na cooperativa

AUTOR: FIRMINO, Anaisa Moreira; 2004

Considerações Finais

Sabemos que o problema da quantidade de lixo gerado está diretamente relacionado aos padrões de consumo da sociedade moderna, agravado pelo crescimento populacional, pelo surgimento dos produtos descartáveis e da falta de uma “consciência ecológica” por parte dos cidadãos e, principalmente, da administração pública.

Estes fatores, em conjunto, exercem uma pressão sem limites sobre os recursos naturais. Quanto mais gente, mais consumo e conseqüentemente mais lixo gerado. Se não repensarmos nossas atitudes e mudarmos nossos hábitos de consumo – de uma racionalização sistemática do consumo planetário - estaremos fadados ao declínio do planeta.

A falta de espaços adequados para a disposição final do lixo já é uma realidade vivida em muitas cidades do mundo e, conseqüentemente, nas cidades brasileiras. Assim, corremos o risco de nos próximos anos não encontrarmos mais áreas para a disposição e tratamento do lixo.

Se buscamos uma sociedade sustentável, do ponto de vista ambiental e social, é necessário que modifiquemos nossos hábitos em relação ao consumo (redução), ao reaproveitamento e a reciclagem desses produtos.

Um passo importante, para essa mudança, é introduzirmos e aplicarmos, em nosso dia-a-dia, o princípio dos 3Rs que consiste, na redução - que se traduz na diminuição da quantidade de lixo produzido, desperdiçando menos e consumindo somente o necessário -; na reutilização - dar nova utilidade a materiais que na maioria das vezes consideramos inúteis - e na reciclagem - que consiste no processo de dar “vida nova” a materiais a partir da reutilização de sua matéria prima para fabricar outros produtos.

Entretanto, aplicar esses princípios é um desafio constante pois, partindo do princípio de que, em nossa cultura, fomos criados com a concepção de que o lixo é tudo aquilo que não tem mais utilidade para nós, o que não é mais necessário, o que “saiu de moda” e que, nessa mesma cultura, classificamos as pessoas por aquilo que elas tem.

Este consumo é incentivado pelo intenso bombardeio diário que a mídia exerce nas diferentes camadas sociais e nas diversas faixas etárias das mesmas, principalmente, nos jovens, com a idéia de que os produtos precisam constantemente ser renovados, assim, o “novo” de hoje pode ser o “velho” de amanhã. Assim, em uma sociedade onde os produtos, em um curto espaço de tempo, se tornam cada vez mais obsoletos, a quantidade de lixo gerado vem aumentando consideravelmente.

O problema desse lixo gerado, não se traduz somente no problema ambiental que ele acarreta, mas também social. Isto porque, em muitas cidades a degradação humana chega a superar a degradação ambiental; visto o número de pessoas que vivem do e no lixo.

Estas pessoas revelam uma realidade perversa de extrema exclusão social associada a pobreza e a miséria.

Esta exclusão social, que assola o país, está se tornando insustentável do ponto de vista do crescente número de pessoas que não conseguem o mínimo necessário para sua sobrevivência e de seus familiares. Muitas são as vertentes e as causas desta exclusão e desvendar seus véus é uma tarefa multidisciplinar e por isso, complicada. Entretanto, todas elas exercem uma intrínseca relação entre si, não podendo, jamais, serem desassociadas umas das outras.

Uma das causas direta dessa exclusão está relacionada ao desemprego que atinge cerca de 13 milhões de pessoas em todo o país (IBGE, 2002). O número de pobres e miseráveis vem aumentando assustadoramente a cada ano. Segundo a Revista Veja (2002) são mais de 23 milhões de brasileiros vivendo na extrema pobreza. Estas pessoas, buscam alternativas, as mais variadas possíveis, de sobrevivência em meio a um quadro de extrema exclusão.

Sabemos que, os índices alcançados com a reciclagem de alguns resíduos, no Brasil, advêm não da consciência ambiental e sim da pobreza em que se encontra boa parte dos excluídos deste país.

Entretanto, a vida dessas pessoas é difícil. Eles trabalham, em média, mais de doze horas por dia, ininterruptas, em muitos casos não ganham nem o mínimo necessário para sua sobrevivência porque muitas vezes estão nas mãos dos atravessadores, que pagam uma quantia muito inferior a do mercado, pela matéria prima.

Assim, é que, neste contexto, que observamos a importância das cooperativas de reciclagem de lixo. Quando estas são projetadas, elaboradas e construídas para serem uma cooperativa séria; seguindo os trâmites legais pautadas em sua doutrina original, respeitando suas leis e as do mercado. estas cooperativas ajudam milhares de pessoas a trabalharem mais fortalecidas e a elevar, conseqüentemente, suas condições econômicas e sociais desses trabalhadores. É notável a contribuição delas para o combate ao desemprego.

Quando organizados em cooperativas eles trabalham em condição mais digna, produzem mais e melhor. Ajudam as prefeituras a diminuir o lixo nos aterros e lixões.

Portanto conclui-se que a reciclagem de lixo é necessária por várias razões: ecológicas, sanitárias, econômicas, políticas etc. e apresenta-se como uma das alternativas de geração de emprego ou renda.

Assim, cabe a nós como sociedade respeitarmos esses catadores vendo-os como verdadeiros “agentes ambientais” pois, são eles os responsáveis por 90% de todo o material que as indústrias de reciclagem operam no Brasil.

REFERÊNCIAS

COZZETI, Nestor. Lixo: marca incômoda da modernidade. **Revista Ecologia e Desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Terceiro Milênio, nº 96, abril de 2001

FIGUEIREDO, Paulo Jorge Moraes. **A sociedade do lixo: os resíduos, a questão energética e a crise ambiental**. 2ª edição. Piracicaba: Unicamp, 1995.

JESUS, Ereni Maria de; RODRIGUES, Silvio Carlos. Os caminhos da reciclagem de lixo em Uberlândia – MG. IN: SIMPÓSIO REGIONAL DE GEOGRAFIA, 2., 2003 Uberlândia. **Anais Simpósio Regional de Geografia**. Uberlândia: UFU, 2003, p.25, CD-ROM.

MAGERA, Márcio. **Os empresários do lixo: um paradoxo da modernidade**. Campinas: Átomo, 2003.

MELAZO, Guilherme Coelho; CASTRO, Filipe Bacci Bandeira de. **OS RESÍDUOS SÓLIDOS DE ORIGEM DOMÉSTICA E A COLETA SELETIVA DO LIXO NO MUNICÍPIO DE UBERLÂNDIA MG**. Disponível em [http://www.cibergeo.org/agbnacional/VICBG-2004/Eixo1/e1_textodqu02.htm] . Acesso em 10/09/2004.

MENDONÇA, Ricardo. O paradoxo da miséria. **Revista Veja**. São Paulo: Abril, nº 03, janeiro de 2002.

PIETRACOLLA, Luci Gati. **O que todo cidadão precisa saber sobre sociedade de consumo**. 2ª edição. São Paulo: Global, 1986.

SAFATLE, Amália; PACHECO, Paula. **Só falta a grana**. Disponível em:
[http://cartacapital.terra.com.br/site/index_frame.htm]. Acesso em 20/02/2004.

SCARLATO, Francisco Capuano; PONTIN, Joel Arnaldo. O lixo. **In: Do nicho ao lixo: ambiente, sociedade e educação**. 16ª edição. São Paulo: Atual, 1992.

TIBÚRCIO, Luciana. Cooperativa de recicladores tem números positivos. **Jornal Correio de Uberlândia**. 12 de outubro de 2004, p.B3.